

PORTUGUÊS

Por que a sucessão de Kim Jong-un pode desencadear guerra nuclear

El Ciudadano · 7 de mayo de 2020



Depois de duas semanas sem nenhuma aparição pública de Kim Jong-un, o resto do mundo continua com poucas pistas sobre o paradeiro e a saúde do líder norte-coreano.

As especulações aumentaram quando o portal americano TMZ publicou no sábado que uma alta executiva de um canal de televisão na China afirmou em suas redes sociais que a presidente norte-coreana havia morrido após apresentar complicações decorrentes de uma cirurgia.

A CNN e a mídia sul-coreana alegaram que Kim teve uma operação cardíaca. Uma revista japonesa garantiu que está em estado vegetativo «. Enquanto isso, a agência Reuters indicou que a China enviou uma equipe de médicos urgentemente para tratá-lo.

N. Korea Dictator Kim Jong-un Reportedly Dead After Botched Heart Surgery <https://t.co/k4za2feVQc>

— TMZ (@TMZ) April 25, 2020

A verdade é que nenhuma dessas informações foi confirmada e a mídia oficial da nação asiática se limitou a transmitir mensagens do Presidente, enviando saudações aos «trabalhadores que ajudaram a criar a cidade de Samjiyon», sem especificar como o líder se dirigiu aos trabalhadores.

Por sua vez, portais ocidentais, estações de televisão e jornais se dedicaram a publicar várias hipóteses e analisar fotos de satélite que podem fornecer pistas sobre o paradeiro e o estado de saúde do líder norte-

coreano.

Diante dos rumores, um dos pontos que mais gerou interesse é: quem poderia suceder a Kim Jong-un?

No entanto, a transição em um país como a Coreia do Norte é particularmente significativa, portanto, determinar quem terá o poder não é uma questão trivial, pois pode gerar um conflito de guerra mesmo em escala nuclear.

Dinastia Kim Jong-un

Desde que a Coreia do Norte é governada pela dinastia Kim, as sucessões vêm ocorrendo sem problemas há três gerações. O fundador, Kim Il-sung, faleceu em 1994, deixando seu filho Kim Jong-il, que tinha 53 anos e se preparava há mais de uma década.

Kim Jong-un chegou ao poder em 2012, após a morte de seu pai e, devido à sua juventude, ele não possuía a experiência de seus ancestrais no campo político ou militar, ele foi capaz de assumir a liderança

Kim pertence à terceira geração da dinastia Paektu, que recebeu o nome do pico mais alto da península coreana. Essa linhagem dá apenas aos membros diretos da família o direito de governar.

O principal líder norte-coreano, 36, não nomeou um sucessor. Seus próprios filhos ainda são jovens, e os adultos sobreviventes da família governante enfrentam barreiras potenciais à sua promoção.

No entanto, a maioria dos grupos sugere que o líder poderia ser sucedido por sua irmã, Kim Yo-jong.

¿Quem é Kim Yo-jong?

A irmã mais nova e a mão direita do líder norte-coreano se tornaram uma das figuras mais influentes politicamente.

Inteligente e bem identificada com o governo, sua nomeação violaria a tradição política confucionista, que coloca as mulheres em um papel subordinado nesse tipo de sucessão.

No entanto, aos 32 anos, Kim Yo-jong tem várias vantagens notáveis.

Primeiro, perpetuaria a linhagem dos Kim, a primeira dinastia comunista da história. De fato, seu pai, Kim Jong II, foi o primeiro a perceber sua inteligência e garantir que ela tivesse um treinamento de primeira nas escolas suíças, como seu irmão.

A segunda grande vantagem é que ela conhece bem o poder da Coreia do Norte, com uma carreira que o levou a ser responsável pelo Departamento de Propaganda e vice-diretor do Partido dos Trabalhadores.

Kim Yo-jong tem toda a confiança de seu irmão, que até a nomeou como enviado diplomático para a Coreia do Sul em 2018.

Sua presença não passou despercebida durante os Jogos Olímpicos de Inverno e ela se tornou a primeira mulher presidente da Coreia do Norte a visitar a vizinha do sul.

Ela também acompanhou seu irmão a todas as cúpulas realizadas com o presidente dos EUA, Donald Trump e outros líderes políticos nos últimos anos.

Um dos maiores líderes do mundo, como o secretário-geral do Partido Comunista da China e o presidente do gigante asiático, Xi Jinping, elogiou sua capacidade.

«Ela permanece em silêncio, se esconde atrás da verborragia beligerante oficial e mantém uma adesão absoluta à política praticada por seu irmão», disse La Vanguardia.

No entanto, nem todos são pontos a favor de Kim Yo Jong. Um dos grandes obstáculos à sua promoção é que não possui credenciais militares em um país onde o Exército e o Estado são um.

O outro ponto é seu status como mulher, algo que pode prejudicar a aceitação entre as elites norte-coreanas, em que é muito difícil encontrar mulheres que ocupem uma posição de destaque.



Também não está claro se a elite patriarcal apoiará uma mulher relativamente jovem como o próximo «líder supremo» do país.

A Coreia do Norte é um país confucionista onde a autoridade e a masculinidade são respeitadas. Ela é a aliada mais confiável de Kim, mas não é mais do que isso «, disse o analista internacional Leonid Petrov, citado pela página 12.

No entanto, o analista Cheong Seong-Chang, do Instituto Sejong na Coreia do Sul, observou que «na elite do poder no norte, Kim Yo-jong tem a maior probabilidade de herdar poder e acho que a probabilidade é maior do que 90% «.

«A Coreia do Norte é como uma dinastia e podemos ver a linhagem Paektu como sangue real, por isso é improvável que alguém questione a tomada de poder de Kim Yo-jong», enfatizou.

Outros possíveis sucessores

Um herdeiro masculino forneceria a linha de sucessão mais convencional em uma dinastia anteriormente governada pelo pai de Kim, Kim Jong-il, e fundada por seu avô, Kim Il-sung.

Embora a inteligência sul-coreana tenha dito que Kim se casou com Ri Sol-ju, uma ex-cantora, em 2009 e que se acredita ter três filhos, nenhum deles foi mencionado oficialmente na mídia estatal e que o mais velho nasceu em 2010.

Kim Jong-chol, o único irmão sobrevivente de Kim Jong-un, seria outra possibilidade, mas ele mostrou mais interesse em guitarras do que em política. O pouco que se sabe sobre ele é que ele estudou na Suíça e é fã de basquete profissional nos Estados Unidos.

Interesse da China, Coreia do Sul e EUA

Além da especulação, os analistas concordam com a necessidade de a Coreia do Sul, a China e os Estados Unidos manterem um status quo político que não represente uma ameaça.

Segundo o jornalista Leandro Dario, as três nações “estão apostando em continuar o curso que acordaram com Kim Jong-un nos últimos anos. Seul busca cooperação e détente política e militar; Estabilidade de Pequim para evitar tensões em sua fronteira; e Washington a desnuclearização da península ».

O vice-editor internacional do Diario Perfil citou Ramón Pacheco Pardo, professor do King's College London e especialista na Coreia do Norte, que afirmou que Seul “tem uma posição realista e sabe que a reunificação de curto e médio prazo não acontecerá. a menos que a Coreia do Sul absorva o norte «.

No caso da China, Pacheco disse que Pequim estaria interessada, acima de tudo, em manter a estabilidade.

Ele lembrou que o relacionamento de Xi Jinping com Kim Jong-un não é extremamente bom, então a China não precisa necessariamente apoiar o poder contínuo da família Kim.

«Se, por exemplo, um governo de natureza militar tomar as rédeas do país, não acho que a China se importaria enquanto houver estabilidade», revelou Pacheco,

Por seu lado, os Estados Unidos insistem na desnuclearização, portanto, para o analista «o objetivo não mudou, quem lidera a Coreia do Norte».

Pacheco disse que o ideal para Washington «seria uma transição pacífica para a reunificação com a Coreia do Sul, mas os Estados Unidos sabem que isso não vai acontecer», acrescentou.

Para essas três nações, o pior cenário seria um golpe de estado e a suposição de uma liderança militar pronta para usar armas nucleares.

“Para eles, o fundamental hoje é garantir a estabilidade na Coreia do Norte. Mais conhecido do que bom saber », disse Leandro Dario.

Intervenção militar e conflito nuclear

Se a morte do líder norte-coreano realmente ocorrer, teme-se que seja gerada uma resposta militar dos Estados Unidos e da Coreia do Sul.

Vários analistas argumentam que a morte de Kim Jong-un poderia desestabilizar a Coreia do Norte, chegando ao ponto de gerar uma guerra civil e uma onda de refugiados, para que Washington e Seul pudessem intervir militarmente.

O general aposentado e ex-chefe das forças especiais da Coreia do Sul, Chun In-Bum, alertou que a sucessão pode dividir facções e desencadear «caos, sofrimento humano, instabilidade».

David Maxwell, coronel aposentado do grupo de especialistas da Fundação para a Defesa das Democracias, concordou e disse ao Military Times que «o desaparecimento físico que ocorrerá na Coreia do Norte» pode ser gerado pelo desaparecimento físico de Kim Jong-un «, que aumenta a turbulência causada pela pandemia de coronavírus «.

Na sua opinião, as unidades do Exército Popular competirão por recursos e sobrevivência e «isso levará a conflitos internos entre as unidades e poderá se transformar em guerra civil», alertou.

Maxwell disse que, em caso de agitação, os Estados Unidos e a Coreia do Sul «podem ficar sem opção a não ser se envolver».

«Esta aliança deverá estar preparada para garantir e salvaguardar o programa de armas de destruição em massa, armas nucleares, químicas, biológicas e de reserva, instalações de fabricação e infraestrutura humana (cientistas e técnicos)», afirmou.

«Esta é uma operação de contingência que deixará o Afeganistão e o Iraque pálidos», enfatizou, citado pelo The Daily Mail.

No entanto, ele alertou que mais de 1,2 milhão de militares norte-coreanos em serviço ativo e seis milhões em reserva poderiam estar prontos para proteger seu país de qualquer intervenção estrangeira, o que poderia levar a um conflito de escala nuclear.

Agência AP e OEA «deixam de vista» Guaidó por corrupção

¿E se tudo o que nos foi dito sobre o coronavírus for uma mentira?

Fuente: El Ciudadano